

Nº 02
ANO 01
JULHO
1999



Galante

Scriptorim Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



A Xilogravura Potiguar

Aúcles Sales

As primeiras xilogravuras das quais se tem notícia, em nossa história, datam de 1901, publicadas no jornal humorístico "O Eco", gravadas por João da Escóssia Nogueira, seu editor em Mossoró.

Nas primeiras edições de "A República" (1889) foram publicadas algumas charges, porém desconhecemos qual o tipo de gravura utilizada para a edição. Supomos ser xilogravuras, pois a zincogravura só estava disponível em Recife. Além da técnica, também desconhecemos a autoria. Dessa forma, a primazia fica com Escóssia.

João da Escóssia era jornalista e artista versátil. Desenhista, chargista e gravador, procurava, em suas charges, dar feição de zincogravura às suas xilos, nas quais não utilizava os recursos do gravado em madeira. As charges

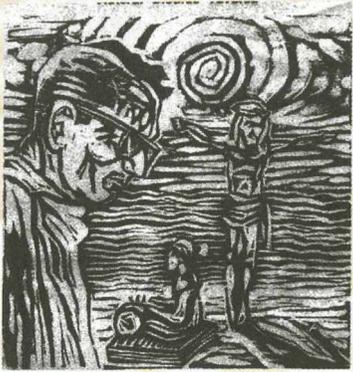


Pharmácia Rosado - João da Escóssia

lembram as de Raul, artista de renome na capital do país. Além de artista plástico, Escóssia, escrevia textos teatrais dos quais pintava os cenários, apesar de locomover-se em cadeira de rodas, como seu colega, o professor e jornalista Elias Souto, de Assú.

Em 1902, Escóssia reedita "O Mossoró", fundado por seu pai, Jeremias Nogueira da Rocha e José Damião de Melo, em 1872 e que circulou até 1876. Com Escóssia estava o filho de José Damião, Alfredo de Melo, à frente do novo Mossoroense onde continuavam as charges e ilustrações não só de Escóssia, mas também de outros xilógrafos, até agora anônimos.

João da Escóssia levou a sério a produção de gravuras. Depois de fundar sua empresa gráfica, (Cont.)



Chico Santeiro - João Natal

Em 1941, na cidade de Mossoró, é publicada a politeama "Mossoró ontem e hoje" usando, nesta publicação, as xilogravuras de João da Escóssia. Imprensa no Atelier Escóssia, reinstalado na década de 30 pelo também xilógrafo e descendente de João, o Lauro da Escóssia.

"Aurora Escocesa," a transformaria, posteriormente, em "Atelier Escóssia" onde prestava serviços gráficos em Mossoró, valendo-se de suas xilos para embelezar cartões de visita, convites, rótulos e anúncios, além de *O Mossoroense* que foi ilustrado até 1906, a partir de quando o jornal aumenta de formato circulando, ainda, até 1908.

Informações do Diretor do Museu Municipal Hemetério Fernandes, em Mossoró, Sr. Raimundo Soares de Brito, nos dão conta da existência de obras de alguns gravadores anônimos em meio ao acervo existente naquele museu, atribuído a Escóssia. Dentre estes podemos identificar Francisco Meneleu, autor desta gravura que hora publicamos, na qual figuram suas iniciais. Segundo o Sr. Raimundo de Brito, Meneleu ainda vive e dedica-se à sua empresa gráfica instalada em Fortaleza. A gravura de Meneleu confunde-se com a de João da Escóssia, de quem deve ser seguidor, já que sua obra, cronologicamente, sucede a do editor do *O Mossoroense*.

Outros ateliers também funcionaram em Mossoró. Sabemos do Atelier Otávio, atuante nas décadas de 10 e 20 e do Atelier Mossoró nos anos 30, possivelmente utilizando trabalhos de gravadores anônimos em capas de folhetos

O Bruxo - Francisco Meneleu



Francisco Meneleu

Ainda vive e dedica-se a sua empresa gráfica instalada em Fortaleza.

de cantadores, convites, cartões e cartazes impressos em xilotipografia.

A tecnologia gráfica no Brasil passa da xilogravura trazida na bagagem dos frades, com fins religiosos, para a litografia auxiliada pela tipografia, em 1808, trazida pela corte portuguesa em fuga para o nosso país. No Nordeste, a litografia seria largamente usada em Pernambuco e, em menor escala, na Paraíba. No Rio Grande do Norte não se



oficina de litografia atuando. Sabemos, apenas, de um jornalzinho, "O Tamanduá", que era impresso por esse sistema, circulando em Nova Cruz, no mês de novembro de 1892. Manoel Rodrigues de Melo, no seu *Dicionário da Imprensa Periódica*, não

Escóssia

Uma marca na Xilogravura Potiguar.



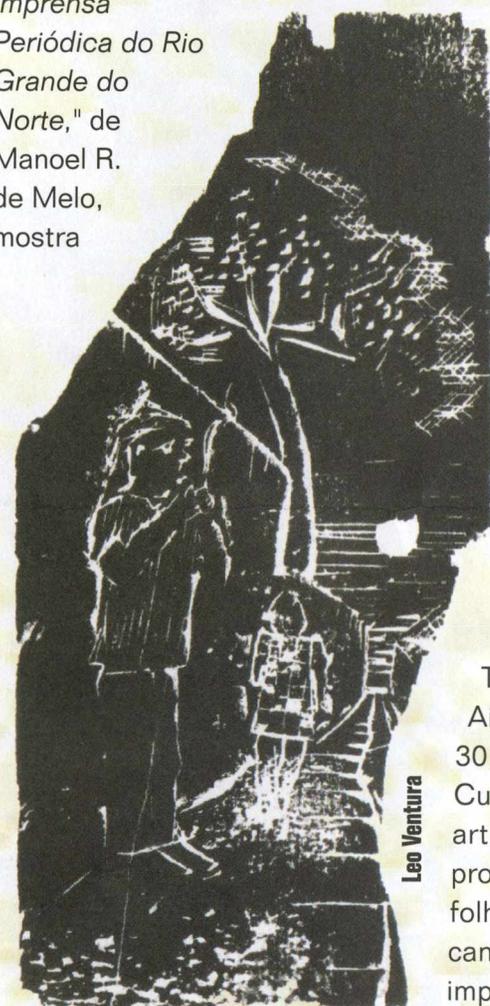
Charles Alves



Carlos Sergio

circulou entre 1925 e 1926, nos revela a figura de Manoel Vitorino, fundador deste periódico e autor de um desenho, publicado na capa dos primeiros números, representando um pássaro alçando vôo de um ninho formado pelas letras do alfabeto.

Anchieta Fernandes, no prefácio do "Dicionário da Imprensa Periódica do Rio Grande do Norte," de Manoel R. de Melo, mostra



Leo Ventura

informa se contém ilustrações. Supomos, pelo título, tratar-se de uma publicação humorística. Manoel Rodrigues esclarece que "O Tamandú" não utilizava-se de tipografia, sendo os textos gravados diretamente na pedra, à mão, o que nos faz supor haver possibilidade de ter existido ilustrações nas suas edições.

Apesar dos inúmeros recursos da lito, a zincogravura a substituiu nas artes gráficas pela possibilidade de realizar impressões simultâneas, em uma só chapa tipográfica, como a xilogravura. A zincogravura suplantou sua avó de madeira por poder imprimir fotografias.

Escóssia não parece ter sido o único jornalista artista atuante em nosso Estado neste início de século. Em Currais Novos, o jornal "Ninho de Letras" que

um lapso cometido pelo autor macauense, que esquecera alguns títulos publicados em sua terra natal. Melo, no prefácio que fez para o livro do desembargador Luis Fernandes, *A Imprensa Periódica no RN*, estranha a omissão de dois jornais manuscritos que circularam, no final do século passado, em

Caraúbas, terra de Luis Fernandes. Completamos, aqui, as informações prestadas por estes três escritores, dos quais dois são caraubenses (Luís e Anchieta). No final da década de trinta, o Grupo de Escoteiros João Carlos de Oliveira editava um pequeno jornal datilografado e ilustrado com xilogravuras de

Francisco Sales, antes deste transferir-se de Caraúbas para Natal, onde, junto com Luis Fernando Cascudo e outros estudantes, fundaram a SAE, Sociedade Artístico Estudantil que revelou, entre outros artistas, o Trio Iraquitã.

Ainda, na década de 30, temos em Currais Novos, outro artista atuante na produção de capas de folhetos de cantadores, impressos na tipografia "O Progresso", de

propriedade de Manoel Francisco Araújo. É o gravador Rosáfico Saldanha que vale-se de linhas e áreas negras, sem texturas, nas suas xilos. Além de Saldanha, existe Jacob Medeiros com seu desenho primitivo e gravação rude, usando linhas brancas sobre áreas negras.

Iramar Araújo desenvolveu, em 1980, no Projeto Memória, a edição de uma série de folhetos, cujas capas foram editadas em separado, em um álbum de cartões postais, com o título "Gravura Popular", reunindo os dois gravadores curraisnovenses, o autor deste texto e seu irmão Alcimar Sales, ambos sobrinhos de Francisco Sales, já falecido.

Foi também, em 1980, que iniciaram-se as atividades da *Oficina de Gravura Rossine Perez*, na Fundação José Augusto. Um curso de xilogravura, ministrado por nós seria a primeira ação desta oficina que teria, daí por diante, a nossa direção até sua desativação, em 1996,



Maria Goreth

depois de promover um sem número de eventos que variavam de exposições, edições de álbuns, cursos de desenho e diversas técnicas de gravuras, ministradas por professores da UFRJ, assim como reuniões e encontros de artistas. A dita oficina recebia, diariamente, músicos e



Assis Trajano

poetas que reuniam-se para discutir suas produções, assim como produzir cartazes, folhetos, ingressos e ilustrações para suas edições. As exposições de maior importância realizadas por esta Oficina aconteceram em Paris, Franckfurt e em Belém do Pará, tendo (Cont.)

Scriptórin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,
Natal-RN. Fone: 211-8241/fax: 211-8790.
E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
Internet: www.candinhabezerra.com

Direção de Pesquisa
Dácio Galvão

Programação visual
D & S Publicidade

Colaboradores
Aucides Sales
Graduado em Artes Plásticas

Apoios

Tribuna do Norte
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para
coleccionar o seu Galante, nas principais
bancas da cidade, Scriptórin e
Fundação Hélio Galvão.



→ havido outras menores em Tóquio, algumas cidades de Portugal, na Havana e em Denver, no Colorado (EUA). Além destas, várias outras foram realizadas, em Natal, revelando alguns artistas que se fixaram no cenário artístico do Estado, entre os quais figuram João Natal, Carlos Sérgio Borges, Goreth Medeiros, João Maria Marcelino, Pedro Pereira, Eribaldo Furtado, Charles Alves, Francisco de Assis Trajano e Luis Anísio.

Entre os acima citados e os omitidos, alguns alçaram vôo instalando-se, de vez, em outra terra, como Eribaldo, que reside em Portugal. Outros logo retornaram. João Natal esteve, por um breve período, em Recife e em Aveiros (Portugal). Charles Alves, instalando-se em Belém, montando uma oficina de gravuras no Museu Emílio Goeldi, só retornando a Natal depois de mais de dez anos de atividades naquela capital. Os gravadores mais apurados são João Natal, Emanuel Duarte e o mais recente, Assis Trajano, que hoje integra o corpo



Jordão

A Oficina de Gravuras Rossine Perez funcionou como um centro difusor de xilogravura no Estado, realizando cursos não apenas na capital, mas levando-os às cidades do interior, em ações isoladas ou inseridas na programação do Circo da Cultura. Monte Alegre, Passa e Fica, Santo Antônio do Salto da Onça e São Gonçalo do Amarante tiveram programações especiais, realizando não apenas cursos de xilo, mas, também, de desenho, exposições, apresentações teatrais e edições de livretos de contos e poemas.

O curso de maior importância aconteceu em



Aucides Sales

1983, ministrado pelo professor Kazuo Iha, da UFRJ, quando foram ensinadas técnicas sofisticadas de gravação e impressão xilográficas.

Entre nós existe um representante da gravura alemã fazendo capas para folhetos: João Viane. Formado na Oficina de Artes do Fundão, em São Paulo, integrou-se ao nosso meio trazendo, daquela Escola, o estilo difundido por Oswaldo Goeldi no Museu de Arte Moderna e que definiu o estilo das xilogravuras produzidas em

São Paulo, por ter sido expressionista alemão, difundido por Oswaldo, adotado por Lívio Abramo, Fayga Ostrower e outros renomados gravadores, discípulos do grande mestre.

João Viane é nordestino-grandense e, na nossa capital, dedica-se, além da gravura, à música e ao teatro. Já realizou uma exposição individual de suas gravuras no Palácio das Artes, participou da edição do álbum "Natal 400 Anos" e do Projeto Chico Traira.

A Oficina de Gravura Rossine Perez

Funcionou como um centro difusor de Xilogravura no Estado.



Vaquejada - Emanuel Jordão

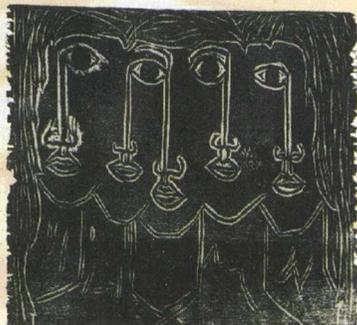
desenvolvido pela Fundação José Augusto, este projeto tenta manter viva a tradição da xilogravura nas publicações dos repentistas (violeiros, coquistas e aboiadores) do nosso Estado, publicando seus folhetos, em cujas capas empregam-se gravuras de madeira para as ilustrações como tradicionalmente era feito, pois, atualmente, andam meio esquecidas por estes poetas, que valem-se, via de regra, das copiadoras.

Integrados ao Projeto, estão, além de

João Viane acima citado, o veterano Dorian Gray Caldas, um dos poucos artistas plásticos do estado que dedica-se à xilo. Os outros são João Natal, Assis Trajano, Emanuel Duarte Jordão, Pedro Pereira, Goreth Medeiros e Paulo Sérgio de Gois, o Locha, além do autor destas linhas.

Além das capas, o Projeto editou o álbum "Natal 400 Anos" com gravuras de quatro artistas (Viane, Trajano, Aucides e Emmanuel).

(*) Aucides Bezerra de Sales é gravador e tem Especialização em Teoria das Artes Plásticas pela UFPE.



Eribaldo Furtado

**Nossa cultura,
Nosso saber.**

UP
UNIVERSIDADE
POTIGUAR



João Viane